

Musi_cais da existência...

Raibblue

“Viver é afinar o instrumento de dentro prá fora, de fora prá dentro..”

(Walter Franco)

Eu a observo, em sua décima noite de insônia. Parece calma, apesar de seu silêncio conter um trem em altíssima velocidade e seus vagões de dor e medo...

Tento lhe falar que tudo passará, mas ela não me ouve. Lança-se em frente ao seu trem , na contramão do destino ou seria essa a sua saga? Não sei, nunca sabemos. Apenas sei que ela, não me ouvindo, segue adiante, nos trilhos do seu instinto, lá onde a razão não alcança. Falei o mais alto possível, tentei resgatá-la, dizendo que tudo passaria, contudo foi o trem que passou por cima dela, não consegui deter o seu coração.

Por mais forte que eu pareça ser, a emoção é páreo duríssimo...

Aguardei perplexa, diante da cena. O trem passou. Lá estava ela sobre o trilho, que agora parecia um mar vermelho. Surpreendentemente, esse mar se abre e ela levanta-se, com o sangue escorrendo, deixando o rastro da tragédia.

Ela caminha e vai largando prá trás, uma trilha rubra sobre a terra, que ao longo do dia, o sol vai se encarregando de secar. As horas vão apagando a dor que escorreu sobre o chão.

Daqui a uma semana, quem passasse por ali não imaginaria que alguém morreu e nasceu sobre aqueles trilhos...

Quantas pessoas passaram por isto? Quantas sobreviveram?

Agora o que importa é vê-la caminhar lentamente sobre a corda bamba do tempo,

cicatrizando os talhos, desvendando os atalhos para acelerar a cura, descobrindo novos dons, como o de trapezista, se equilibrando sobre o farpado tempo, sem mais se cortar...

Eu a acompanhava, dia e noite, mesmo que não me notasse. Eu estava pronta para qualquer desafio. Infelizmente, perdi para o trem, mas , quiçá não tenha sido melhor assim? Pelo menos acabou de vez aquilo que já não existia há muito tempo e somente ela não havia enxergado ainda...

Às dez horas da vigésima manhã, após sua morte, ela já se alimentava. Tomava seu café, ouvindo os Nocturnos de Chopin, os três da Op.nove. Era fascinada por ele. Então, percebi que, realmente, estava melhor, e tudo voltava, aos poucos, ao ritmo normal. Até que, de repente, ela levantou e trocou a música por outra que dizia assim:

“Tempo

vai longe daqui e eu nem sei do tempo que perdi, mas sei que vai longe ficar, bem longe do olhar, não há respostas se quiser achar, no ar..., não pergunte ao tempo o que ele dirá, nem ao vento aonde ele vai me guiar...Eu me sinto livre pra seguir...”

E, exatamente às dez e meia, seguindo a música, ela sorriu. Aquela voz delicada e macia conseguiu alcançá-la antes de mim. Mesmo longe, alguma coisa os uniu...

A música é mesmo pura magia!

Ela começou a rodopiar pela sala, como quem chega numa casa nova, cheia de promessas, de histórias por contar...

Num dia qualquer, quando não se importava mais com as horas, retirou todos os objetos de sua vida morta: porta-retratos, murais, perfumes, livros, cds, coraçõezinhos, lençóis e, por último, a aliança. Agora a única aliança que teria seria consigo. Não se trairia mais, eis a pior traição...

Mudou tudo. Jogou fora até mesmo os maços de cigarro, não queria nenhum vestígio nem mesmo a fumaça do que sobrou. Mudou a cor das paredes de amarelo para azul, em tons

diferentes, e, por fim, flutuou em sua nova rede, no mesmo quarto, que agora era outro, mais azul! Sentia-se exausta, mas completamente outra. O mesmo corpo, porém de alma nova!

Balançava-se no mesmo ritmo que mascava o chiclete sem adição de açúcar. Bom sinal, continuava a cuidar do seu sorriso...Olhava para o teto e conseguia enxergar estrelas nele, em plena tarde. Estava totalmente nua, vantagem de se estar só...Pôde, então, experimentar, pela primeira vez, o gostinho da 'quase' insustentável leveza do ser...

Compreendeu, assim, que a vida simples é boa, que não se sentia livre apenas por estar só, mas por, 'estando sozinha', não se sentir solitária.

A isso chamou de liberdade, e ela era mesmo azul...

Quantas vezes ficamos numa profunda solidão a dois ou, até mesmo, em plena multidão? Não é o outro que nos tira a liberdade, somos nós que não entendemos que amar é mesmo um verbo intransitivo, sábio mestre Drummond!

Amar não precisa de complementos, condições. O amor é pleno, e, nós, seres tão transitivos ainda, queremos sempre ser objetos diretos ou indiretos... E a liberdade, onde fica? Contradição, não? Coisa de humanos..., demasiadamente humanos...

Não sabemos lidar com o 'completo', 'pleno', por isso não sabemos lidar com a liberdade. Sempre damos um jeitinho de cortar-lhe as asas, sem notar que, assim, cortamos o amor, pois sem vôo, ele morre, porque é passarinho...

Nesse momento, mergulhada em sua rede, nas ondas do calmo movimento que ela mesma impulsionava, boiando sobre o fim de tarde, eu, finalmente, me aproximei. Não que ela tenha me chamado, mas por ter sentido que estava pronta para me receber.

Não sei bem ao certo a hora em que, através do silencioso céu do seu teto novo, ela me ouviu, quer dizer, quase, pois antes que eu pronunciasse qualquer coisa, ela falou:

‘Eu já sei...A música me revelou o caminho...’

E, interessante, nesse momento, eu, pura razão, fiquei sem argumento, pois ela não só ouviu a música, como seus olhos ecoavam os acordes das mais belas sinfonias! Era uma mistura de Beethoven, Chopin, Mozart, Bach e a nova melodia do seu amigo cantor. Seus olhos eram as delicadas teclas do piano traçando a trilha perfumada do novo, eram o sax soprando a vida em direção ao infinito que se estende além do que se vê..., e a guitarra libertando o grito dos seus olhos em êxtase!

Ela finalmente havia despertado!

Quando penetrou o invisível, ela enxergou...

E eu, sem argumentos, calei-me, e fiquei a ouvir a música que ecoava na eternidade daquele instante pleno...em seus olhos...

E ela começou a dançar em sua nova casa azul, com seu sorriso colorido, buscando um novo tom para seus passos, ainda trêmulos...

"Tudo é uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo..."

(Raiblue)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/musi-cais-da-existencia>